

T Á B U A

I

Jazida em lavra	1	2
Vir-à-luz do poema		
Versovivo		
Flores-gemas		
Círculo do olhar		
<u>Retiro aquela árvore</u>		
Flor-Ação	1	2 3

II

Homem como torre	1	2
Trajectoria		
Jogada perdida: ganha		
A serpente & os dias		
Ponto fixo		
<u>Arrojo-me em espaçonave</u>		
O combate singular		
Papéis deixados		

III

Tema da chama		
Mar em espetáculo	1	2
A um pintor		
<u>No violeta e cinza</u>		
O tempo no pátio		
Lá, no sub-solo		
O peixe		
Mar novo		

JAZIDA EM LAVRA

SOBRE esta pureza
linha d'água e arena
inscreve-se o
ser-vivo – o poema

Palavra e metáfora
que lúcidas servas!
com o alvo recato
suas mãos de dar

Irmãs das ausentes
presentes, as belas
em si: pedra flor
potro mito coisas

Enquanto das outras
todo se dispersa
seu defeso rosto
bem-nascidas, idéias

Que da linha nasça
na lavra e cabala
do vero universo
a geral palavra:

Tal mil e uns dias
nem usura orgulho
mas sim à espera
pervive a semente

E em urnas o óleo
fulgor e doçura
de ouradas olivas
perdura, ele-mesmo)

– Aos sábios convivas
esplendor aos olhos
Allegro ao ouvido
ao palato, os vinhos

VIR-À-LUZ DO POEMA

Que queria? Que dizia?
Belo porque não floriu?
Intenso porque tão breve?
Sinto-o bater as asas...

Que dizia? Que queria?
Era amor? Amargo gesto?
Mal lhe toquei, oh reverso
ira e rima no dilema!

Que queria? Que dizia?
Recolhê-lo? Persegui-lo?
Em alma e corpo que seja
(esperarei) o poema

VERSOVIVO

SOPRA nenhum vento
no saara liso
a página branca

Véspera de escrita
onde a mão detém-se
nasce um animálculo

Já -
breve meteorito
retilíneo ruma
ao
centro geométrico

(Palavra & silêncio
eis no espaço aberto
consumadas núpcias)

FLORES-GEMAS

*O*S POEMAS aqueles que caíram no chão
que não foram grafados
não tinha a mão o acaso de um lápis

Chuva - findaram
e fluíram pro mar? Ou ardente lava
corpo adentro entranharam-se na terra e ali
fundando vão ali o rutilante reino mineral?

Ossos do morto, à cal
se nivelaram? Ou renascem daí
flores! antes digo - CRISÂNTEMOS – os poemas
que não foram grafados
que caíram no chão

CÍRCULO DO OLHAR

*L*UZ difusa nos cubos da Cidade

No alto da tarde nuvens platinadas
enquanto o Mar encrespa suas vagas
e vai voando o ar uma só ave...

Num mais fundo painel
o pensamento busca o evanescente
roteiro dessa asa. Aspira além-olhar

(No largo viajar abrupto fine a hora)

Como na impraticável
face do diamante o brilho-querosene –
vislumbre, relâmpago, é o ser-da-beleza

RETIRO AQUELA ÁRVORE

*R*etiro

aquele árvore. Retiro
o diagrama dos montes
os edifícios, seus ofícios
Retiro a massa d'água
o pássaro
o azul

Estância adentro
precipita a ponte -
aguda luz dos cimos
Oh sopro vertical
de graça insuspeitada
Pende maduro o favor
de um horizonte à mão

Hora de ser –
morta a última folha
Na jazida em lavra:
vazio no mármore
silêncio na música
no poema, o branco

FLOR-AÇÃO

das relações com a amiga

*N*ebulosa coisa
germina no arquivo
onde odres e aranha
fazem ócio e vinho

Possessiva –
loba e ubíqua
enfim eu desvelo
me desvelas o inteiro
segredo: a palma
jamais a abandonas
sempre a a qualquer

Dele, o idólatra
na noite de açoites
E JOGOS : a mercê e a chave

o poeta veste o poema

*O*culta no branco
flui a linha d'água
brasão
do espaço-papel

Torre de alta tensão
a mão se apressa,
a urgente imagem
veste a nua. Não vá
seu pudor pela rua

Aqui o poema. – Carne
sem mistério e sêmea não:
distorcida face
(o verbo, ainda aresta)
no prisma partido

do longo abraço quedam marcas
na areia

*D*o longo abraço
quedam marcas na areia
Porque um poema é:
um escriba o silêncio

Aérea geometria
que tomba dos lábios,
vertiginosamente
rapta o ser

das coisas. Investida
para o litoral
de uma última
Tule. Trânsito
(cristal)
em sua flor-ação

HOMEM COMO TORRE

1 - a cena

CÍRCULOS concêntricos

sobre um fundo neutro
Na perspectiva
de gesso lunar

(de passo que tons
mudam sem cessar)
No ponto de ouro
uns fôlegos erguem-se

Rodam rodam rodam
menos que contorno
menos que reflexos
menos que ninguéms

E na pronta ausência
já o claune curva-se
já sorri o claune
já o pano cai

Exeunt personae
QUEDA SÓ SILÊNCIO

2 - a torre

*D*O MAIS agudo olhar

o diamante efêmero
não fere o teu granito
o irrompido ímpeto

No ar de todo o espaço
não sabes do chão liso
Longínqua ao contratempo
Inteira em teus cimentos

Um dia e outro dia
com os blocos da utopia
os coloridos véus,
o estofo infiel dos nomes

Tal alta graça de
flor, sim flor-escudo
em nós, contra a erosão
ó torre! coisa sólida

Te erguemos te nutrimos
BELA MAIS QUE UM ORGULHO

TRAJETÓRIA

*U*M POUCO, assim à margem do festim

neste instante-vigília, dons dos dias,
de-leve alongo o olhar para o espetáculo,
suas luzes

Trânsfuga, por fiel
e amoroso do ofício, à ventania
e ondas da esplanada sob os astros
insisto, trama adentro, a interrogar

Constelação, oh céus! Só recriada
naquele, olhos trocados, outro ver -
Penso-me: vou por sempre-novo
caminho, numa escarpa, é sobre as águas
Que ali conheço e quero e para além
no mar do meio-dia eu fito o Sol

JOGADA PERDIDA: GANHA

T EU DIA acabou

Em alguma parte
se esvazia um relógio

Homem
acordado perdes
a chave, a encontras
no sono

- No sonho
emergem cimérias
semeadas atlântidas

Acendem-se os fogos
de fulgente metal

A SERPENTE & OS DIAS

SOLENE, elementar

indomável e rouco
o Mar (o olhar não via)
ria nas altas palmas

de onde partiam... Asas?
As horas todas brancas
e quanto desafio
aceito, todavia

Nos confins
um corsário de espumas
Que na rota à deriva
atóis rompia e medos

Ó triunfo de um ver
dentro de outro, clareira!
Nitidamente tudo
feérico, fulmíneo –

como a serpente & os dias

PONTO FIXO

*P*ARA a distância me guias
sombra da ingênua alegria
O mundo é grande. Contemplo-o
sem gesto-ressentimento

Visionária imageria
de negro étimo grego -
cedo, ó grave! já sentia
a fria mão no meu ombro:
teu nome, não tua face
de bruma, eu desconhecia

Voz silenciada no limbo
claro-escuro nostalgia
de que origens? de que vias?

ARROJO-ME EM ESPAÇONAVE

*A*RRROJO-ME em espaçonave

Encontro a vitória - a
Vitória de Samotrácia
Cavo fundo fundo fundo
Sequer pergunto. Uma taça
azulavrada já empunho
rompo-lhe o fácil cristal
Difusa no arabesco
sonora árvore. Ora
nem me maravilho: pássaros

- Até tocar os confins
te busco, difícil coisa!
te ousa, flama dos dias

O COMBATE SINGULAR

*P*OETA – na palavra

se encontrava e o destino
Poderoso, abria-se seu lábio
no Canto na Elegia

Agora é presa da inexorável
piedade.– Jaz, e cala
Sorrindo à intensa desfilada dos espelhos
fecha os olhos, e vê

Está no tenso coração da dor
Acima agoniza de todos os cimos
Habitante já de outro círculo
renuncia, completo

PAPÉIS DEIXADOS

VINTE três palavras
em papel timbrado
Títulos riscados
Linhas rasuradas
Claros a cumprir
de um canto a meio
Provas tipográficas
com runas nas margens
perfis anagramas
Temas começados
Projetos largados
Duas traduções
Num caderno Dante
quarenta poemas
Suma absoluta
de horas-criação?
Toda uma vida, aqui
em seu túmulo, o ausente

TEMA DA CHAMA

*L*ongelínea

difícil ao tato
irrompante
de lúcido azul

Insofrida
vocalção de asa
para o livre
voo

No alto
por claras mãos
esculturalmente
olímpica

Sol
a crepitar
o luciferino
de oculta tensão:

Chama
ignilâmina
toda a alçar-se para
o afã que a consome
– auriflama

MAR EM ESPETÁCULO

1 - meio-dia

*T*REMULINAS – mil pontas

à hora da solina
repetem-se das vagas
no cinzento das quilhas

Comece de passar
ave avião ou nuvem
cessa o jogo um instante,
que logo com afã

da tensa vitraria
as obras recomeça
ativa tecelagem
glória maior do dia

Tela que antes de ser
fiança de véu se rompe

2 - noite

SE verticalmente

móviles colunas,
são na horizontal
fria escadaria

Simetria trêmula –
do desvão marinho
onde rolam astros
vidrilha um balé

Sobras dissolutas
no petróleo negro
se o acaso de um remo
fere, o abismo grita

grita o ouro efêmero
de mil pontos-luz

A UM PINTOR

*D*ESENCADEIAM-SE na noite

água e vento? Visivelmente
chove lá fora

No xadrez do tapete ficou
o VIOLINO. - Dorme a ausente
E onde tocam os pés
um litoral (fina areia e sonho)
ela o instrumento empunha a
continuar a ária de seu gosto

Perfeito. Aqui a exata fantasia:
água noite vento violino?
É de lá que num halo vem a luz
afinar teu óleo-sobre-tela
em VERMELHO-AMARELO, ALGUM VERDE

NO VIOLETA E CINZA

*N*O VIOLETA e cinza

o anil do dia finda
Todo perfil dilui-se
pela tinta das margens
Com a cor em falência
ouro-ferrugem apaga-se
Abre-se em

ALVA ROSA

o espaço que se abre
E é tangível o real
diáfano, o universo
Isenta geografia
e branca mais que a luz

O TEMPO NO PÁTIO

O TEMPO se aninha nos canteiros

Se concentra na cor de cada flor
O tempo mora sob os arbustos
O tempo no pátio, ao meio dia

É colocar à margem todos
aqui, os cuidados trazidos
e um homem toca com as mãos
o corpo visível do tempo

Que dormita nítido no círculo
do tanque, esquecido de escorrer
e por um pouco desperta
se um pássaro vem beber

mas de-novo de-novo recomeça

LÁ, NO SUB-SOLO

*H*Á um jorro surdo
torva nódoa rubra
no nanquim do pântano

Frêmito e rosa, vivem
as horas. Só dentro
serpes geram serpes
confusa imagen nada

Ah o noturno império
de mármore da morte
para o querido EU!
Rirá de nós um bonzo?

Come os ossos (brado ao
Mar) deste caos, ó lobo!
Onde a voz se anula
se recusa o bruto -

BEBO NOITE & SAL

O PEIXE

*N*A HORA oval

– tranquila laguna –
é um vidro o mar
Lâmina de prata
espada de lua
súbito espadana
um peixe, e mergulha
Os olhos atônitos:
foi? é? ou nada?

Sem rosa-dos-ventos
queimadas as naves
interpelo os céus
Peixe tarde águas
há de perder tudo
quanto o dia deu?
Ou terei com a treva
astros onde ler
a última ciência?

O mar ignora
que reflete a imagem
de alguém à margem
A noite quer vir
não contesta a hora:
a tarde entardece
e em seu elemento
já navega o peixe
UM HOMEM SE CALA

MAR NOVO

*E*NTÃO o que fui
e as torres do ar
perdi? não perdi?

É cortante o vento
vem na boca o sal
sinto-lhe as partículas

Aqui -
onde o chão mais alto
o mundo me imunda

O verde, e latina
vela quase asa
me acena – ei!

Para outros sóis
parto
um mar novo

ORELHAS

XAVIER PLACER escreve - primeiro para seu gosto pessoal; depois para um imaginado leitor (espécie mallarmaica de **Un Coup de Dè**, às avessas)

Flor-ação (flos+actio) vale como algo que se cumpre na poesia, eterno trabalhar do pólen das anteras, e em obra, esta não só grafada mais ainda vivenciada.

No conjunto do livro, há o embasamento das unidades que se vão enriquecendo por intuscepção, como as sensitivas e os produtos de arte genuína.

Obra de poeta permanente que não se esgota num verso de ouro, numa peça de antologia, num "achado feliz". Criadores (como XP) que caldeiam um estado residencial e domiciliar da poesia.

Sim, com todas as suas áreas de lazer abertas ao azul, o solar, as varandas e aléias, os frutos e até (sob corrente de ladridos) o cão de guarda, fiel e vigilante.

Minipoemas, elos/eros e Memorial são os anteriores livros de versos deste também mestre do poema em prosa e da prosa poética, sua esgrima de estilista.

Flor-ação continua a poesia linossígnica. Da margem de lá, XP labora o tecido da linguagem, em três momentos: I - da poesia; II - do poeta; III - uns espetáculos.

Mas não busca ser ouvido da outra margem. Não foi seu preferido Saint-John Perse quem disse: **Je ne hélerai point des gens d'une outre rive?**

Este breve livro - cada breve livro seu, segmento de uma **work in progress** a ser um dia editorialmente juntada - é uma colheita de sonoridade (ritmo e timbre), de forma gráfica e imagem, suportes da ideia.

Aqui o poeta é o mago-anfitrião. Seus paços abrem-se ao leitor iluminado: "Aos sábios convivas/ esplendor aos olhos/ allegro ao ouvido/ ao palato os vinhos"

HUGO TAVARES